

CONFIGURAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DA FEMINILIDADE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Ana Luísa Alves

Moisés Fernandes Lemos

(UFG/RC - Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão)

Resumo

O presente estudo se propõe a discutir a feminilidade a partir das contribuições psicanalíticas. Seu objetivo geral foi analisar as referidas contribuições acerca do tema, com base nas obras de Freud. O método utilizado foi o qualitativo descritivo, delineado como pesquisa bibliográfica. Para que o objetivo fosse atingido, percorreram-se, historicamente, obras de Freud, desde suas primeiras teorias sobre a sexualidade infantil até a postulação dos caminhos que a criança deve traçar para tornar-se mulher. Foram também pesquisados e discutidos alguns sucessores e comentadores de Freud, que contribuíram na compreensão da feminilidade. As teorizações psicanalíticas apresentam diversos impasses, confirmando que ainda há muito que se estudar sobre a mulher e os caminhos trilhados no seu percurso rumo à feminilidade.

Palavras-chave: feminilidade, Psicanálise, Freud, mulher.

Abstract

Contemporary Settings of Femininity: A Psychoanalytic Reading

This study aims to discuss femininity from the psychoanalytic contributions. The general objective was to analyze the psychoanalytic contributions to the subject, based on Freud's work. The method used was descriptive qualitative, designed as a bibliographic search. To reach the goal, it ran through, historically, the works of Freud, from his first theories of infantile sexuality to the postulation of the ways that the child shall delineate to become a woman. It was also researched and discussed some successors and commentators of Freud who contributed to the understanding of femininity. The psychoanalytic theories have many impasses, confirming that there is still a lot to study on the women and on the paths in their way towards the femininity.

Keywords: femininity, psychoanalysis, Freud, woman.

Introdução

Diferentes etapas marcam o percurso da feminilidade em Psicanálise e,

mesmo antes dos primeiros delineamentos de Freud sobre o tema, falar do feminino – pelo viés da religião, da ciência e das demais áreas do conhecimento - era

considerado um tema tachado de mistérios e obscuridades. Havia, e ainda há, um longo caminho a se percorrer.

Falar da feminilidade remete a condições contraditórias entre si - como, por exemplo: pureza e pecado, passividade e desejo, fertilidade e erotismo - ou ainda nos levam a pensar em substantivos como maternidade, paixão. Tais características contraditórias se dão pelo fato de a mulher, em virtude da interdição da cultura, ser reconhecida como uma figura inferior se comparada ao homem. Dessa forma, o seu comportamento deveria ser de obediência e, principalmente, isento de desejos.

É pertinente observar que a característica passiva que o feminino apresenta, de acordo com Freud (1905/1996d; 1933[1932]/1996j) diz respeito à época dos escritos, mais especificamente no Século XIX. Naquele momento, havia uma divergência escancarada entre feminino-passivo/masculino-ativo; à mulher era negado o direito de *desejar* e, se isso acontecesse, recebia adjetivos de baixo calão destinados às mulheres que “não merecem respeito”. Tudo isso se dava pelo ideal feminino girar em torno da maternidade, pois ser mãe e ser mulher ao mesmo tempo não era permitido, uma condição excluiria a outra.

Na obra de Freud, ao elaborar estudos sobre a feminilidade, o autor deu início a um longo período de dúvidas, pesquisas e divergências, entre profissionais da área. Desde então, este é um tema que, para a Psicanálise, tem se tornado cada vez mais objeto de estudo e atenção e, mesmo existindo incontáveis trabalhos (Assoun, 1993; André, 1996; Kehl, 2008; Lacan, 1985, 1995, 1999; Lynch, 2006; Silva, 2012; Valença, 2003), relacionados a ele, não cessa de ser explorado. Devido às divergências de posicionamentos observadas entre os seguidores e comentadores de Freud ao estudar o feminino torna-se impossível tratar de todas em um artigo, com objetivos bastante específicos, como este.

Sendo assim, o presente estudo objetiva abordar as contribuições da Psicanálise, com foco em trabalhos de Freud, além de concepções de importantes autores sobre o tema da feminilidade, já que essas são bastante enriquecedoras para qualquer análise e, principalmente, para o que se pretende com a construção deste estudo.

Os primeiros esboços de Freud sobre a feminilidade se deram nos *Estudos sobre a Histeria* (Freud, 1896/1996a), quando ele descobre o seu caráter de sofrimentos psíquicos e suas fantasias, desejos. Ele, que encontra um território até

então desconhecido, se deixa levar pelos mistérios dos sintomas patológicos, procurando investigar a natureza traumática, sexual e infantil que supunha existir.

Dessa forma, o autor publica os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, (1905/1996d). Primeiramente, relatando sobre a sexualidade infantil e, só após alguns anos, elabora a teoria da sexualidade feminina em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920/1996f). Essa, por sua vez, vai se construindo concomitantemente à feminilidade, baseada nas teorias psicanalíticas fundamentais: o recalque, o complexo de castração e o complexo de Édipo. Freud, paulatinamente, reconhece a complexidade da vida sexual das mulheres, caracterizada por uma obscuridade e com muitos percursos a serem descobertos.

Freud (1905/1996d) já afirmava algo no sentido de que o sexual e seus efeitos psíquicos não resultavam do (?) social e do cultural, mas pela construção simbólica das representações psíquicas. Na medida em que o simbólico se manifesta em corpos anatomicamente diferentes, o que chamamos de masculino e feminino se efetua.

Nesse sentido, a mulher não nasce feminina, “torna-se”. Sendo assim, o interesse pelo devir feminino é o ponto de

partida para se explorar as amplas maneiras de se considerar a feminilidade. Portanto, o desafio de estudar e observar o que impulsiona o crescimento de uma criança para se tornar mulher e o seu percurso durante toda a vida são os aspectos que serão mais focados no presente estudo. Na tentativa de traduzir esse sentimento, acha-se apropriada a transcrição de uma citação de Freud:

De acordo com a sua natureza peculiar, a Psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – esta é uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual. (Freud, 1933[1932]/1996j, p. 117).

Sendo assim, refletindo sobre as repercussões da feminilidade juntamente com as contribuições freudianas para este tema, procura-se um aprofundamento no que diz respeito às construções subjetivas do feminino no cenário que se propõe.

Método

Conforme Fachin (2002), o método proporciona aos pesquisadores, a partir de sua característica de instrumento do conhecimento, a facilitação de uma pesquisa, a formulação de hipóteses, a

coordenação de investigações, a realização de experiências e a interpretação dos resultados, pois é por ele que o trabalho é orientado.

O método utilizado no presente trabalho foi o qualitativo descritivo, delineado como pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é realizada a partir de materiais já existentes, compostos principalmente de livros e artigos científicos.

Gil (2002, p. 44) afirma que “os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. Em função de sua forma de utilização, podem ser classificados como de leitura corrente ou de referência.” Em virtude de a pesquisa ser muito ampla e advinda historicamente, a pesquisa bibliográfica se faz necessária, pois seria impossível realizar este estudo senão por essa estratégia de investigação.

Nesse sentido, o autor diz:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (Gil, 2002, p. 44)

Por outro lado, as fontes de pesquisas secundárias - aquelas que não recorrem às primeiras publicações sobre o tema - geram dúvidas, já que nem sempre são conhecidos os autores e nem garantida a fidedignidade das fontes, acarretando a possibilidade de erros nos dados coletados ou até na forma que se escreve, causando o risco de comprometer a qualidade da pesquisa.

Sendo assim, fez-se necessário que os pesquisadores deste estudo se assegurassem das condições em que os dados foram obtidos e analisassem a profundidade de cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, checando-as com atenção. Embora, se tenha trabalhado, preferencialmente, com textos de Freud, houve uma preocupação constante com a questão da tradução, haja vista que ela, pode gerar consideráveis equívocos. (Gil, 2002).

Nesse sentido, pretende-se aqui realizar uma pesquisa bibliográfica dos estudos sobre feminilidade, recorrendo aos escritos de Freud, além de pesquisa de sucessores e comentadores de sua obra, que dão luz ao desenvolvimento das teorias da feminilidade. Inicialmente, foi feito um percurso histórico do que a Psicanálise tem para dizer sobre o tema, bem como a maneira pela qual Freud a concebia.

A evolução do feminino - ou seja, como a mulher era vista desde os primórdios e como é atualmente - foi parte importante para a construção deste estudo. É enriquecedor também citar as diferenças do processo de construção do feminino e masculino. Contribuições de outros autores que analisam a obra de Freud também são expostas aqui, uma vez que eles tornam o tema ainda mais importante para o estudo da Psicanálise e os desafios que ela propõe.

A Mulher em Freud: da Sexualidade Infantil ao Devir Feminino

É possível dizer que Freud foi heurístico no âmbito da feminilidade, tendo em vista que inúmeros autores na atualidade utilizam suas obras como alicerce para construções de novos conceitos ou recorrem às suas teorias como ponto de partida. Seus escritos não colocaram fim à discussão, muito pelo contrário, como ele mesmo disse em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em 1905/1996d, fazendo uma comparação da vida sexual dos homens e das mulheres. A primeira, para Freud, se tornou acessível à pesquisa. Porém, a vida sexual das mulheres “ainda se encontra mergulhada em impenetrável obscuridade” (Freud, 1905/1996d, p. 152).

Freud, ao publicar *A questão da análise leiga* (1926[1925]/1996i), caracterizou a feminilidade como um “continente obscuro”, além de admitir que o enigma da sexualidade feminina nunca tivesse sido descoberto por ele. Além disso, escreveu: “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia” (Freud, 1933/[1932]/1996j), p. 141).

No início dos seus escritos, ao abordar a feminilidade, isto é, na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1996d), o autor sugere a existência de uma bissexualidade em ambos os sexos, até a puberdade, caracterizando uma natureza perversa polimorfa presente nas crianças. Aqui, encontra-se a base de suas ideias acerca do tema. Entretanto, esse ponto foi revisto por Freud em diversas publicações, as quais serão analisadas ao longo do presente artigo.

O ponto de partida do estudo da feminilidade para a Psicanálise, bem como para os estudos com base na teoria freudiana, está relacionado à especificidade da sexualidade feminina. A curiosidade em desvendar os mistérios que o feminino apresenta surge a partir de estudos de casos detalhados sobre mulheres históricas, mais especificamente no livro *Estudos sobre a*

histeria (Freud, 1896[1996a]). Entretanto, é interessante observar que em nenhuma de suas obras Freud assume uma posição definitiva sobre a questão da feminilidade, ainda que seja possível identificar alguns pontos essenciais quando se tenta aprofundar o tema em questão.

Instigado pelo desejo de identificar a especificidade do feminino e a relação entre sexualidade e surgimento/desenvolvimento da doença, o psicanalista, no exercício da clínica, percebe que a mulher talvez desejasse expor algo com o próprio corpo, isto é, na tentativa de exteriorizar sentimentos inconscientes.

A partir desses estudos, Freud formula duas principais teorias a respeito da sexualidade: a existência de uma bissexualidade observada tanto nos homens quanto nas mulheres, presente até a fase da puberdade, e a presença de uma essência masculina em ambos os sexos, ou seja, uma libido única. (Freud, 1896/1996a).

Portanto, a partir da leitura de Freud, identifica-se a existência do que chamamos de monismo sexual. O órgão sexual que é reconhecido pela criança de ambos os sexos é o masculino, trazendo a hipótese da identificação de apenas um aparelho genital: o pênis (na menina, o

clitóris). Esse posicionamento pode ser encontrado na *Conferência XXXIII*:

Chamo (chamo?) a atenção dos senhores para o fato de que partes do aparelho sexual masculino também aparecem no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado, e vice-versa. Consideram tais ocorrências como indicações de *bissexualidade*, como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos - simplesmente um pouco mais de um, do que de outro. (Freud, 1933[1932]/1996j, p. 2)

Quando a criança adentra a fase fálica, as divergências entre os sexos são quase inexistentes devido a suas semelhanças, e isto faz com que seja necessário reconhecer que a menininha é um homenzinho. Nessa fase, a vagina verdadeiramente feminina ainda não é reconhecida por ambos os sexos, pois a principal zona erógena é o clitóris. Apesar de parecer que meninos e meninas perpassam da mesma maneira as fases iniciais do desenvolvimento libidinal, vale ressaltar que o autor não exclui o fato de existir diferenças subjetivas entre eles. (Freud, 1933[1932]/1996i).

Quando o reconhecimento da vagina como zona erógena e órgão genital se torna efetivo, possibilitado pelas

experiências sexuais e seus efeitos psíquicos, a criança de outora se torna mulher. Os processos de identificação com o feminino não são determinados pela natureza, mas por processos subjetivos. Se para as meninas esse devir feminino é caracterizado por uma mudança de sensibilidade e importância - do clitóris para a vagina - para o menino é um processo um tanto quanto mais simples, pois ele apenas dá continuidade ao que executava anteriormente, na origem de sua sexualidade. (Freud, 1924/1996h).

Considerando que Freud, nas publicações entre 1905 e 1920 que remetiam à feminilidade e à mulher, toma o sexo masculino como comparação ou como base, isto é, pensando o feminino a partir do masculino, provavelmente, com o intuito de exemplificar alguma teoria e mostrar as divergências entre um e outro sexo. A seguir, apresentamos uma das várias passagens que o autor faz menção à distinção entre os sexos: “Examinando as primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças, habituamo-nos a tomar como tema de nossas investigações a criança do sexo masculino, o menino”. (Freud, 1926[1925]/1996i, p. 278)

Esse início marca também a época em que o autor diferencia pulsão de instinto, além de afirmar a existência de uma sexualidade infantil auto-erótica e

perversa polimorfa, tendo em vista que qualquer parte do corpo da criança pode ser usada para obter prazer. A pulsão, diferentemente do que diziam os médicos da época, poderia ser múltipla e muito além do objetivo da procriação. Isto é, as pulsões nada mais eram do que provenientes da sexualidade humana, e, assim, as perversões tornaram-se fenômenos considerados normais.

A partir disso, Freud desloca a sexualidade da Biologia para as representações psíquicas, retirando o seu caráter puramente anatômico. Porém, o caminho de construção dos gêneros ainda era ligado às diferenças entre os órgãos genitais. O alinhamento da sexualidade de ambos os sexos é validada por características anatômicas, de essência e teóricas. O tornar-se mulher não seria nada mais do que uma pessoa que apresentasse características e atitudes femininas, entretanto, após certo ponto, Freud propõe que a sexualidade seria de ordem pulsional, considerando a diferença dos sexos não apenas biológica e anatômica, mas como se fosse um “devir”, algo que fosse construído a partir da subjetividade de cada sujeito.

Sobre a essência, Freud propunha que a mulher era possuidora de pulsões parciais passivas, e os seus atributos ativos seriam sinais de sua masculinidade - como

por exemplo, a libido. Dessa forma, a mulher era considerada objeto e o homem sujeito, ativo. É interessante observar que essa característica passiva, que o autor supõe existir no feminino em relação ao masculino, diz muito sobre a época dos escritos, levando em consideração os costumes morais e sociais.

Essas ideias levam a pensar na contradição que Freud nos apresenta: por um lado, a curiosidade em pensar a mulher de outra forma e, por outro, as formulações de sexualidade feminina passiva, em concordância com o pensamento da época, como explicitado a seguir: “A distinção não é uma distinção psicológica; quando dizem ‘masculino’, os senhores geralmente querem significar ‘ativo’, e quando dizem ‘feminino’, geralmente querem dizer ‘passivo’”. (Freud, 1933[1932]/1996i, p. 115)

Na obra *A interpretação dos sonhos* (1900/1996c), o pai da Psicanálise faz referência ao complexo de Édipo, mas ainda sem muita precisão. Da mesma forma, a ligação entre o Édipo e o complexo de castração ainda não é tão clara. No ano de 1914, em *Uma introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2004), sugere a primeira escolha do objeto de amor na infância - a mãe - em ambos os sexos.

Em uma carta escrita a Fliess, (1897/1996b), Freud declara ter encontrado

nele mesmo impulsos carinhosos em relação à mãe e hostis quanto ao pai. Até o ano de 1920, o autor supunha ser o complexo de Édipo a questão central da sexualidade no início da infância, isto é, o que definiria a masculinidade ou feminilidade seria a configuração do mencionado complexo, a partir das identificações e investimentos libidinais com os pais, além do falo, considerado o elemento simbólico.

A partir do ano de 1924, Freud começa a perceber que a sexualidade feminina traça caminhos próprios, que ele denomina de “devir feminino”.

Ademais, a comparação com o que acontece com os meninos nos mostra ser o desenvolvimento de uma menina em mulher normal mais difícil e mais complexo, de vez que inclui duas tarefas extras às quais não há nada de equivalente no desenvolvimento de um homem (Freud, 1933[1932]/1996j, p. 117).

Segundo Freud (1933[1932]/1996j), as crianças já nascem com um material diferente - genitais e corporais -, e isso não precisava da ajuda da Psicanálise para afirmar. Mas, além dessas diferenças básicas, a menina possui características dóceis e menos agressivas e, por isso, ela seja talvez mais fácil de ser

ensinada a controlar suas excreções. Esse fato é considerado pelo autor a primeira concessão no caminho à constituição do feminino. Por isso, se dá impressão de que meninas sejam mais espertas e inteligentes que os meninos da mesma idade (efeitos da sublimação). Porém, em nada difere os impulsos agressivos entre um e outro, tendo em vista que a menina aprende a obter satisfação sexual do seu clitóris.

A partir do entendimento do papel desempenhado pelo clitóris, supõe-se a segunda tarefa do desenvolvimento feminino. Em *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1926[1925]/1996i), Freud descreve o complexo de Édipo, afirmando que ele existe também na menina. O autor cria esta teoria com base na mitologia grega do Édipo Rei. Conforme o mito, Édipo, sem saber que Jocasta é sua mãe, assassina o pai e casa-se com a mãe, sem ter conhecimento do grau de parentesco familiar. Quando descobre a verdade, Édipo cega a si mesmo, e sua mãe se suicida. Esse fato é universalmente utilizado pela Psicanálise, pois desperta sentimentos de amor e ódio direcionados para os pais.

Como parte do desenvolvimento sexual infantil, o complexo de Édipo ocorre quando a criança está atravessando a fase fálica e percebe que nem tudo lhe é

permitido, pois existe a intervenção da cultura e dos pais, baseada em preceitos morais e sociais. Caracteriza-se também por um forte afeto pelo progenitor do sexo oposto, ao mesmo tempo em que há uma hostilidade em relação ao progenitor do mesmo sexo.

O declínio do Édipo, por sua vez, é correspondente à restauração da lei. No sexo masculino, ele surge a partir da ameaça de castração, conflitando o desejo pela mãe e o narcisismo dirigido ao seu pênis. Nessa luta, por um lado, o interesse narcísico é maior, fazendo o menino abdicar dos desejos edípianos. Por outro lado, na menina, o complexo de castração surge quando ela percebe não ser possuidora do pênis, acarretando sentimentos de inferioridade, então, ela tenta suprir esta falta invejando o órgão masculino. A menina percebe este fato rapidamente e toma sua decisão naquele instante. “Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo”. (1926[1925]/1996i, p. 281). Desta forma, o seu objeto de amor desloca-se para o pai, surgindo também o desejo de obter um filho dele.

Nesta época, o autor afirma que o interesse sexual das crianças não deriva da curiosidade em descobrir de onde vêm os bebês, como antes dissera. Esse é o ponto principal do desenvolvimento feminino de acordo com o percurso da feminilidade em

sua teoria (1926[1925]/1996i). A partir da saída do complexo de Édipo e a entrada no complexo de castração, a menina pode trilhar três caminhos diferentes: a neurose ou inibição sexual, o complexo de masculinidade ou a feminilidade em seu percurso normal.

Em relação a essas fases da sexualidade infantil, são perfeitamente observáveis nos escritos de Freud as diferenças como eles ocorrem em cada um dos sexos, principalmente quando diz que o menino sai do complexo de Édipo porque teme ser castrado; e, nesse momento, para a menina, ainda não há efeito nenhum, pois ela já é castrada, como exemplificado a seguir: “Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração”. (Freud, 1923/1996g, p.285).

Na primeira hipótese, o recalçamento da sexualidade ocorre quando a menina descobre não ser possuidora do pênis, fazendo com que o seu clitóris seja deixado em segundo plano juntamente com a masturbação, pois ele não pode ser comparado ao órgão sexual masculino no que diz respeito à grandiosidade exibida pelos meninos. Dessa forma, surge também uma rivalidade

em relação à mãe, haja vista que deseja ocupar o seu lugar de esposa do pai.

O complexo de masculinidade decorre de uma recusa em aceitar a falta do pênis nela mesma e na mãe, adotando a atividade masturbatória clitoridiana e identificando-se com a figura masculina paterna ou a ideia de uma mãe fálica. Desse modo, a inveja do pênis e a esperança de um dia vir a tê-lo continuam por toda a vida e, como consequência, um sentimento de inferioridade, o afastamento do primeiro objeto de amor e uma reação adversa à masturbação clitoridiana.

Segundo Freud (1933[1932]/1996j), a terceira possibilidade da entrada no complexo de castração pela menina é seguir o caminho da feminilidade, caracterizada pela habilidade em decorrer a um deslizamento simbólico de sua libido, tomando o pai como objeto de amor ao contrário da mãe, objetivando ter um filho com ele e, portanto, afirmando um desejo verdadeiramente feminino. Isto é, o desejo da menina desloca-se do “possuir um pênis” para “ter um bebê”, possibilitando o devir feminino.

O Movimento Psicanalítico e as Concepções do Feminino

Freud nos ensinou que “através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade” (1933[1932]/1996j, p. 114). Mesmo antes de iniciar o seu percurso em direção à tentativa de esclarecer o que é ser mulher e o que caracteriza a feminilidade, diversos estudiosos já haviam tentado se aprofundar neste caminho de incertezas e ainda o fazem, analisando e interpretando os seus escritos, criando novas teorias, estendendo as argumentações ou se opondo à elas. Aqui serão retratados alguns autores que continuaram a trajetória freudiana ao estudar o feminino, reportando a suas obras e ampliando seus achados.

Segundo Lynch (2006), Freud, na finalização de suas obras acerca da feminilidade, afirma que “não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos” (Freud, 1933[1932]/1996j, p.134). Ele deixa um enigma sobre a natureza humana da mulher, pois parece sugerir que exista algo que fuja da humanidade. Para Freud, o fato de a mulher ser uma criatura humana, quando inserida em uma lógica fálica, deixa subentendido que há algo que caracteriza a sua natureza não humana.

Levando em consideração que os estudos de Freud sobre a feminilidade se iniciaram a partir de casos clínicos e da

análise deles, pode-se dizer que o seu percurso coincide com cada paciente que chegava ao seu consultório, com cada histeria que se renovava, com cada sintoma que lhe era apresentado. Dessa forma, se pensarmos a Psicanálise como meio de desvendar o não dito, nas mulheres a associação livre apresentaria características diferentes dos homens, posto que a sua sexualidade aparece no discurso repleta de peculiaridades advindas da interdição da cultura e do seu próprio desenvolvimento.

A questão central se torna então o fato de que,

[...] uma vez que a feminilidade traz consigo e atualiza enquanto esse ‘de fora da ordem fálica’, ou seja, um fora da representação, algo que excede aquilo que se pode dizer, quais seriam as possibilidades do sujeito no trato com a própria feminilidade, para além da saída pela histeria? (Lynch (2006, p. 14).

De acordo com a autora, levando em consideração a história da mulher, os conceitos de feminilidade e sexualidade feminina se diferem, pois o segundo possui as mesmas características que a Psicanálise considera, mas desta vez vivido e delimitado pelas mulheres, carregado de suas especificidades e se destinando a um dos possíveis caminhos que o feminino é

capaz de traçar. Já o conceito de feminilidade aparece como uma questão inominável do sexo feminino.

Se por um lado os costumes sociais e culturais eram bem desempenhados pela mulher se esta se tornasse mãe, por outro lado, como um ser humano dotado de desejos sexuais, teria ~~havia~~ algo que escapasse, que assombrasse, e por isso a tornasse um enigma. Portanto, se fizesse a opção de existir aos olhos da sociedade, teria que abdicar do feminino.

Ao falar de desenvolvimento sexual no ponto de vista da Psicanálise, encontram-se diferentes posicionamentos acerca do desejo, inicialmente postulado por Freud. O desejo seria, portanto, uma tentativa constante de reviver o primeiro prazer experimentado na infância e que deixa marcas no psiquismo, perdurando por toda a vida. Ora, se a problemática do desejo é o que implica a sexualidade humana e o verdadeiro caminho para distinguir feminino e masculino, ao contrário da anatomia, tornar-se mulher é realmente um caminho muito complexo, pois o desejo é limitado por questões morais e sociais. O ato sexual não está ligado ao simples fato da reprodução, da mesma forma que o objeto de desejo não é pré-definido, inato, mas abarca a obtenção de prazer.

Lynch (2006) afirma que

[...] o prazer é posto em cena por Freud, como sendo o responsável pela definição da fronteira entre o espaço interno e o externo do corpo humano. Cada ser humano, segundo a teoria freudiana, tem, desde seu nascimento, a tendência a afastar estímulos, a reduzi-los ao mínimo de tensão possível (Lynch, 2006, p. 65).

Sendo assim, o prazer não é considerado somente genital, ele perpassa por todo o corpo e marca-o com representações determinantes do desejo. Ainda conforme Lynch, analisando os impasses do percurso da feminilidade em toda a obra freudiana, no desenvolvimento da feminilidade existem sempre lacunas que nunca serão preenchidas, o que ela chama de “encontro com as reticências...”.

É possível que a mulher trace um caminho que a coloque em uma posição feminina, de forma que não seja apresentada apenas em comparativo ao masculino, dotada de especificidades, mas sem deixar de se caracterizar como um ser inominável, que vai muito além de um registro simbólico.

Assoun (1993), na obra *Freud e a mulher*, faz reflexões originais a respeito da teoria freudiana, principalmente, sobre o ponto principal do tema tratado aqui: o “querer-feminino”. Segundo o autor, a Psicanálise teria muito a acrescentar sobre

a feminilidade, pois é um dizível contínuo e ininterrupto sobre o inconsciente, e afirma que Freud soube jogar com a mulher e decifrar seu jogo, embora não tenha sido capaz de descobrir as suas cartas.

Sem dúvida, é isso que Freud nos ensina, essencialmente, sobre a questão da mulher: a empunhar com firmeza, na cacofonia dos discursos sobre a mulher, a arma da teoria analítica, para reafirmar incansavelmente sua agudeza própria, irreduzível às manipulações ideológicas. Não que essa postura freudiana fique miraculosamente imune à contradição ideológica. Entretanto, o mais impressionante nos parece ser o fato de a postura freudiana abrir para si, tanto nessa questão quanto em outras, um caminho tão fecundo [...]. (Assoun, 1993, p. 181).

Para Assoun, Freud abordou a feminilidade pela fresta ao mesmo tempo estreita e esclarecedora da experiência analítica, o que fez com que ele focasse sua concentração no único ponto obscuro: o querer feminino. Diz ainda que Freud apreendeu o feminino, além de outros fatores, pelo seu próprio inconsciente, pois vivenciou a forma específica da resistência da histórica, juntamente com a sua própria resistência, fornecendo um aspecto de

realidade, pois tudo pôde ser pensado e teoricamente elaborado. Sobre isso, o autor conclui que este é um ponto que não pode deixar de ser levado em conta:

É como se, em suma, através da idéia fixa de Freud, alguma coisa do querer-feminino tivesse ganhado corpo, tanto por sua resistência quanto por seu compromisso com a verdade. Quer Freud tenha introduzido a mulher em seu texto, quer se tenha descoberto introduzido no texto da mulher, foi nesse lugar, de qualquer modo, que se disse esse algo da feminilidade que não devemos deixar que se perca. (Assoun, 1993, p. 181).

Dando sequência à nossa reflexão, é possível sublinhar vários autores que entram em consonância com o que Freud diz sobre a feminilidade, e, da mesma forma, os que se contrapõem à sua posição teórica. Silva (2012) considera que a posição de Freud acerca do tema sofre grande influência dos valores da sociedade patriarcal da cultura vitoriana, levando-o a um caminho desastroso por uma justificativa naturalista de que as mulheres eram inferiores e passivas se comparadas aos homens.

Conforme Silva, a teoria do complexo de Édipo é um dispositivo de dominação, quando sugere a sua versão

falocêntrica. Esta característica não possibilita à mulher se colocar como sujeito no mundo, se instalar como ser humano possuidor de desejos. Nesse sentido, diz que Freud não foi capaz de perceber a vontade que a mulher possuía de se tornar sujeito no desejo do outro.

Kehl (2008) propõe que a grande questão “o que querem as mulheres?” seja compreendida de outro modo: “o que sou eu, para você?”. Dessa forma, a mulher não seria então reduzida ao poder do falo ou a existência de um homem que o possui, mas tomaria também a posição de sujeito desejante.

André defende, em *As origens femininas da sexualidade* (1996), que a constituição psíquica dos sujeitos tem como ponto central a feminilidade. Para tanto, ele analisa o *Caso Dora*, atendido e publicado por Freud, propondo nova leitura acerca da feminilidade. Ele considera que exista uma primazia genital, da diferença entre os sexos, e não somente a fase fálica, concomitantemente, a uma feminilidade precoce. Em uma das críticas direcionadas a Freud, ele diz: “a feminilidade, noutra estilo, que não o falocêntrico, foi objeto de um apagamento a partir de 1923” (André, 1996, p. 50).

Sendo assim, o autor considera que o grande erro de Freud foi ter sustentado uma lógica da diferença anatômica,

enaltecendo o falo de forma equivocada, gerando a exclusão de uma feminilidade não castrada, como se a mulher fosse um ser que só existisse a partir do outro (o homem).

Para Valença (2003), Freud trouxe uma nova maneira de se pensar o feminino, considerando suas ideias revolucionárias e inovadoras no que diz respeito a possibilitar à mulher um lugar na sociedade, o direito de expressar seus desejos por meio da fala e, portanto, se posicionar ativamente frente a eles.

Marbeau-Cleirens, na obra *O sexo da mãe* (1989), discute a sexualidade e a psicologia feminina sob vários pontos de vista, dentre eles, as teorias de Freud.

Para ela, quando Freud diz que a libido da mulher é completamente gratificada com seus cuidados para com seu filho, a criança do sexo masculino, “trata-se bem mais das aspirações da criança do que da realidade psicológica, afetiva e libidinal da mulher, que não é apenas maternal” (Marbeau-Cleirens, 1989, p. 112).

Portanto, a teoria freudiana seria mais uma defesa contra as imagos maternas, isto é, os prazeres da criança são mais significativos que os da mãe, uma vez que o segundo não diz respeito somente à gratificação de ser mãe, mas ao desejo de possuir algo que lhe falta, o falo. Além

disso, Marbeau-Cleirens considera que a desvalorização do sexo feminino seria uma das formas de se defender contra as mulheres em virtude do medo de se tornar dependente delas.

Sendo assim, Freud diminui a intensidade da libido feminina, castra a mãe fálica e supervaloriza o pênis, desprezando as mulheres e, assim, fazendo com que o homem se sinta forte e não tema o poder do sexo oposto.

Dando sequência à sua reflexão, Marbeau-Cleirens (1989) analisa ainda os principais pontos da teoria da sexualidade feminina freudiana, como por exemplo, a limitação do potencial da sexualidade feminina, tentando inconscientemente tornar a mulher menos perigosa, de forma que o homem consiga dominá-la e satisfazê-la. Por isso, a libido foi considerada somente masculina.

Conforme Marbeau-Cleirens, Freud retira dos órgãos sexuais as sensações femininas ignorando a vagina, o clitóris é masculino, e o Édipo na menina não acontece em virtude de uma atração por um homem, mas para obter um pênis que ela não possui, ou seja, tentando compensar sua humilhação.

No que tange a esse ponto de vista, há uma aproximação de seu posicionamento com a opinião de Silva (2012), quando analisa a versão

falocêntrica e critica as teorias freudianas, afirmando que essas consideram as mulheres em posição inferior à dos homens.

Em nosso entendimento, há certa ambiguidade no posicionamento de Marbeau-Cleirens, o qual faz parecer que, ao mesmo tempo em que ela considera válidas as teorias freudianas, critica-as pelo fato de apresentar a mulher sempre em uma posição passiva. Em relação ao complexo de castração, conceito central em Freud, ela afirma que

[...] o fato de a menina sentir-se castrada parece-me inevitável, pois ela não tem pênis como o menino e, além disso, não tem seios como a mãe [...] Algumas de minhas pacientes tiveram de ser analisadas por muito tempo para se libertarem de seu complexo de inferioridade. (Marbeau-Cleirens, 1989, p. 125).

Divergindo-se da teoria freudiana, a autora considera que a menina não aceita sua castração como um fato consumado, mas constata sua falta do pênis como uma imagem do seu corpo de hoje, e suas brincadeiras com as bonecas são fruto de suas aptidões à maternidade e, mais tarde, o ciclo menstrual e a gravidez. Então, a mulher dá ritmo ao tempo graças ao seu imaginário e ao seu corpo.

Sendo assim, traçando um paralelo entre as posições de Marbeau-Cleirens e Lynch, observa-se que a primeira diz que Freud acentua o sentimento de inferioridade na menina com a supervalorização do pênis; e mais, castra-a por duas vezes quando considera o clitóris como um órgão erótico masculino. Trata-se de uma remoção psicológica e erótica, pois a mulher se vê incapaz de possuir prazer e limitada quanto ao valor feminino de uma parte do seu corpo. Já a segunda autora defende que, apesar de o falo ser sempre o referencial no que diz respeito à sexualidade da mulher, ela é capaz de trilhar um caminho único e com suas próprias características, de forma que não se perca sua feminilidade.

No que se refere ao complexo de Édipo em ambos os sexos, Marbeau-Cleirens (1989), assim como Silva (2012), diz que a teoria freudiana condena a mulher a ser inferior em outros campos, além do da sexualidade, posto que nos meninos o complexo desaparece totalmente, e nas meninas permanece um eterno funcionamento neurótico, de forma que ele seja lentamente abandonado. Sendo assim, do ponto de vista cultural, a mulher nunca conseguiria atingir um nível elevado, pois não seria capaz de chegar ao poder e à independência necessários à sua afirmação. Nesse sentido, a autora escreve:

Após ter descrito a mulher infantil e pervertida, com uma libido recalçada, uma neurose permanente, um superego fraco, pouca sublimação e poucos interesses sociais, inferioridade intelectual, incapacidade de evoluir após os trinta anos, parece que a mulher é realmente desprezível! (Marbeau-Cleirens, 1989, p. 135).

Ao mesmo tempo em que observa a desvalorização da mulher, sublinha alguns escritos de Freud em que ele deixa escapar que a mulher não é desprezível por si mesma, mas de alguma forma faz com que alguns homens tomem uma atitude defensiva perante elas, e isto acontece também com Freud, o que talvez explique o fato das criações de teorias femininas da forma como são. Ora, se a mulher é ,então, um ser tão desprezível, o caminho mais fácil não é somente dominá-la, “[...] mas também esmagá-la sem culpa nenhuma, para vingar-se das invejas que ela suscita e que o homem jamais poderá se satisfazer.” (Marbeau-Cleirens, 1989, p.136).

Há consenso entre autores citados que estudam o tema da feminilidade e as diversas possibilidades quanto ao que é “ser uma mulher” nas teorias freudianas. Para eles, o ponto central a ser estudado nestas teorias é sempre na questão do falo, isto é, os escritos baseiam-se em considerar a lógica fálica no desenvolvimento sexual,

seja para se mostrar contrário a este ponto ou para fazer contribuições.

**Avanços na Teoria Psicanalítica da
Feminilidade: As contribuições
Lacanianas**

Na tentativa de destacar os avanços na discussão psicanalítica acerca do tema feminilidade, há que se destacar o legado do psicanalista francês *Jacques Lacan*, que não somente adicionou reflexões sobre o tema em discussão, mas inverteu a centralidade do desenvolvimento sexual infantil no que diz respeito ao complexo de Édipo de Freud. Lacan localiza a criança no desejo do Outro, ao contrário de considerá-la no desejo em relação aos pais. Mais ainda, propõe que o falo é o significante que dá a razão do desejo, isto é, para que o sujeito possa desejar é necessária a existência de uma falta na cadeia significante.

Ele considera que o sujeito é efeito do meio em que vive: o ambiente familiar, as vivências infantis e as interações inconscientes com indivíduos, por exemplo, formam sua personalidade. Deste modo, o ser humano é carente, não consegue viver sozinho e depende de figuras parentais, assim como a sua própria imagem para se inserir no mundo. Essas relações são imaginárias, simbólicas e

fazem com que o sujeito se aliene dentro de um outro que é ele mesmo, tornando-o caracterizado por uma falta (Lacan, 1957[1956]/1995).

Esse Outro se estrutura pela linguagem e o que lhe falta é da ordem do significante – se dá pelas formações do inconsciente. Porém, segundo Lacan (1957[1956]/1995), haverá sempre um significante que não se pronuncia, então o Outro também se torna faltoso, castrado. Se há ausência em todas as formas do sujeito, tanto pelo eu quanto pelo Outro, não será possível a união destes, pois está sempre submetido à lei do desejo, fazendo-o desejar a todo o tempo.

Lacan desenvolve sua obra, em grande parte do tempo, baseado na teoria freudiana do ser ou ter o falo, mas modifica o significado de possuir o pênis. Para ele, a inveja do pênis está no âmbito da satisfação, considerando que este é o oposto do desejo. Se Freud diz que a mulher só se completa quando se torna mãe, principalmente se mãe de um filho do sexo masculino, objetivando sanar o seu eterno desejo de possuir o falo, Lacan (1957[1956]/1995) faz a separação entre ser mulher e ser mãe, divergindo essa idéia e postulando uma nova: ser objeto de desejo do Outro.

Sobre o fato de que um filho representa o falo desejado para a mãe,

Lacan chama isto de uma “discordância imaginária”, pois a criança não se limita ao falo, sempre existindo algo além do que está em questão, que permanece indomável. Há então, não um amor pelo filho, mas uma imagem materna que o reveste e que busca se assentir. (Lacan, 1957[1956]/1995). Isto é, há questões representativas em se tornar mãe que vão além do desejo de possuir um pênis, como Freud afirmava.

Lacan determina que não exista um significante apropriado para nomear a mulher no desenvolvimento feminino, e coloca a sexualidade em fatores de posição: feminina e masculina. Dessa forma, cada pessoa ocupa uma dessas posições, não somente pelo fator biológico, mas muito além de diferenças anatômicas. O autor afirma: “[...] ter ou não o pênis não são a mesma coisa. Entre os dois, não o esqueçamos, há o complexo de castração”. (1958[1957]/1999, p. 192). Para se tornar homem ou mulher, é necessário que o sujeito simbolize a diferença sexual, portanto, requer um posicionamento em relação à castração.

Em 1973[1972]/1985, quando escreve o *Seminário 20: mais, ainda*, Lacan afirma, contrariando a teoria freudiana de que só se torna mulher pela lógica fálica, que o feminino não é todo inscrito por esta via, dando um espaço para

a feminilidade fora do masculino, na medida em que escapa à lógica fálica. O autor, ainda nesta publicação, propõe que as mulheres possuem um gozo suplementar, um gozo não capturado pelo falo, o que ele chama de gozo Outro. É um gozo fora do discurso e, portanto, impossível de ser dito, como expressado no trecho a seguir: “talvez ela não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe” (Lacan, 1973[1972]/1985, p.100).

Na medida em que não há um significante que represente a mulher, nada se pode dizer sobre ela, segundo Lacan. Deste modo, se a via fálica não é capaz de responder ao enigma feminino, a passagem pelo Édipo também não se dá conta de responder o que é ser mulher. Entretanto, vale ressaltar que, ao final do complexo edipiano, a menina descobre que sua mãe não possui o pênis, assim como ela mesma, além de que, neste momento, ocorre a identificação com o pai – o *Ideal do eu*. Este fato é determinante para se colocar em uma das duas posições propostas por Lacan.

O psicanalista então pontua uma fase do desenvolvimento infantil em que é possível trilhar um caminho a partir da relação paternal, isto é, no caso da mulher, seria neste momento a sua escolha pela feminilidade, mas deixa clara a

incapacidade de responder os enigmas que norteiam o tornar-se mulher.

É possível destacar nos escritos de Lacan a não existência de uma simetria entre os sexos, muito pelo contrário, já que o pênis enquanto significante da falta é a conseqüência do desejo, possibilitando a atração sexual entre homens e mulheres. Destacamos, a seguir, um trecho em sua obra em que ele reflete sobre isso:

A mulher, em sua essência, se é alguma coisa, e não sabemos nada sobre isso, ela é recalcada – tanto para a mulher como para o homem – e o é duplamente. [...] Então, isso deveria nos dar, por si só, uma pequena lição de lógica e nos fazer ver que o que falta ao conjunto desta lógica é precisamente o significante sexual. (Lacan, 1969-[1968]/2004, p. 215).

Portanto, cabe destaque o fato de que Lacan afirma ser a mulher recalcada, isto é, seus desejos são obrigatoriamente recalcados no seu desenvolvimento sexual pelas interdições da cultura. Apesar disso, reconhece não ser capaz de responder aos mistérios da mulher, semelhantemente ao que Freud escreve durante todo o seu percurso à feminilidade.

Considerações Finais

O ponto de partida para construção deste estudo foi o fato de a mulher ser considerada, até os dias atuais, como um enigma indecifrável, gerando indagações acerca da feminilidade e em como ela se desenvolve. As contribuições freudianas e de outros psicanalistas nos instigaram a analisar os mistérios da feminilidade.

Sendo assim, analisamos o percurso histórico da obra freudiana, desde os seus primeiros delineamentos sobre a sexualidade infantil, caracterizada por ideias inovadoras para a época, até a postulação de um devir feminino - a criança não nasce mulher, mas torna-se uma. Na reflexão foram discutidas as contribuições de autores do movimento psicanalítico e teorias pró-freudianas, tais como Assoun, Lacan, Lynch, dentre outros, para abordar a feminilidade e a mulher.

Os autores consultados demonstraram que existem contribuições psicanalíticas relativas ao feminino, desde os escritos clássicos de Freud, até as contribuições contemporâneas. É importante destacar que em todos eles a sexualidade feminina é tomada como ponto central da feminilidade, não sendo encontrada em nenhuma das teorias a separação entre esses termos.

As teorizações realizadas por Freud nos apresentam diversos impasses, como o

fato de que coloca a mulher numa posição complexa, partindo do ponto que ela deve aprender a lidar com as frustrações e a ausência do falo, juntamente com as interdições da cultura, carregada de preceitos morais. Ao mesmo tempo em que diz de uma fragilidade, dependência e pouca capacidade intelectual, também são marcantes a força, o poder e a sedução.

O presente estudo nos mostrou que as variações, de fato, ocorrem no feminino em virtude dos deslizamentos entre ativo e passivo, dos objetos de desejo e das perdas que se apresentam no caminho, por exemplo. Assim, a feminilidade parece se posicionar frente a uma busca pela satisfação e a maneira como a mulher a constrói é o que faz com que a Psicanálise

ainda não consiga responder à obscuridade feminina, uma vez que a sua satisfação vai além do falo.

Torna-se evidente a existência de uma posição feminina possível, algo no feminino que vai além do real, se situando no registro simbólico. Entendemos que, nesse ponto, novas atualizações sobre o estudo da feminilidade devam incidir, aprofundando na análise do enigmático e inominável presente na feminilidade, de forma a vislumbrar uma mulher que se posicione além da histeria e da maternidade, mesmo que esse aprofundamento nos leve à confirmação que este seja um caminho rumo ao impossível.

Referências

Assoun, P. L. (1993). *Freud e a mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Fachin, O. (2002). *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: Saraiva.

Freud, S. (1996a). *Estudos sobre a histeria*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 2). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1896).

Freud, S. (1996b). *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess - carta 69*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 2). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1897).

Freud, S. (1996c). *A interpretação dos sonhos*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 4, 5). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).

Freud, S. (1996d). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

Freud, S. (1996e). *Caráter e erotismo anal*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908).

Freud, S. (1996f). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

Freud, S. (1996g). *O ego e o id*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).

Freud, S. (1996h). *A dissolução do complexo de Édipo*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).

Freud, S. (1996i) *Inibições, sintomas e ansiedade*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1926[1925]).

Freud, S. (1996j). *Feminilidade*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXII). Rio Janeiro: Imago. (Original publicado em 1933[1932]).

Freud, S. (2004). *À guisa de introdução ao narcisismo*. In: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (1985). *O Seminário. Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar . (Original publicado em 1973[1972]).

Lacan, J. (1995). *O Seminário. Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1957[1956]).

Lacan, J. (1999). *O Seminário. Livro 5: as Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1957[1956]).

Lacan, J. (2004). *O Seminário. Livro 16: de um Outro ao outro*. Recife. Produção não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Original publicado em 1969[1968]).

Lynch, A. C. D. (2006). *A questão feminina na obra freudiana impasses e avanços de Freud com relação ao enigma da feminilidade*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Silva, M. K. (2012). *A feminilidade originária nas psicoses*. Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

Valença, M. C. A. (2003). *A feminilidade em Freud e na contemporaneidade: repercussões e impasses*. Recife. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco.

Os autores:

Ana Luísa Alves é psicóloga pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – UFG/RC. Endereço: Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1.120, Setor Universitário, CEP: 75.704-020 - CATALÃO – GO. E.mail analuisalvs21@gmail.com

Moises Fernandes Lemos é psicólogo clínico, especialista em Psicologia Clínica e em Filosofia, mestre em Psicologia e doutor em Educação. Atualmente, é professor adjunto na Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – UFG/RC. Endereço – Rua Eduardo de Oliveira, 289, apto 102, Bairro Lídice, CEP 38400-068 – Uberlândia – MG.. E.mail – moisesflemos@yahoo.com.br